

Ano 01 - Abril/2020 - Edição 02

# [عقم] CORPOS

revista pós-pornográfica de fotografia

SENTES NA  
PELE  
?





Esta revista leva o selo DUOCU, formado pelos artistas Bruno Novadvorski & Chris, The Red [www.duocu.art.br](http://www.duocu.art.br)



editorial

Números representam uma série de coisas. Positivas e negativas. Infelizmente, as notícias sobre o Brasil não são de números felizes: Com gargalo de testes para coronavírus, Brasil vê só a ponta do iceberg com seus 2.201 casos e 46 mortes.<sup>1</sup> De acordo com a PNAD, a taxa de informalidade – que é a soma dos trabalhadores sem carteira, dos trabalhadores domésticos sem carteira, do empregador e do autônomo sem CNPJ e do trabalhador familiar auxiliar – atingiu o maior nível desde 2016 no Brasil, com 41,1% dos trabalhadores, e bateu o recorde em 19 estados e no Distrito Federal.<sup>2</sup> 8.027 pessoas LGBTs foram assassinadas no Brasil entre 1963 e 2018 em razão de orientação sexual ou identidade de gênero.<sup>3</sup>

E no que concerne a questão da mulher, os números não são menos tristes. Pelo

contrário, são dados que nos colocam no mapa de um dos países mais violentos do mundo em relação a mulher.

Esta edição é sobre dados, números violentos que - na sua grande maioria - originados por homens, pertencentes a uma sociedade machista, patriarcal, misógina, sexista. É sobre violência contra a mulher, e é também sobre estes homens sentirem na pele esta violência, a violência destes dados. E é sobre buscar uma transformação. É inadmissível que 43% das mulheres temam por suas vidas por simplesmente desejarem terminar um relacionamento. Todos os dados presentes no ensaio e outros foram retirados do site <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/>.

É importante salientar ainda que estes dados são apenas uma pequena parcela e não representam a totalidade da violência contra a mulher, pois muitas ainda temem por denunciar seus agressores e se calam. Ainda assim, são números que machucam e doem na pele, na alma. Como artista, homem e, principalmente, ser humano, temo pela vida da minha mãe, da minha irmã, tias, primas, amigas e pelas mais de 100 milhões de mulheres brasileiras que sentem na pele, todos os dias, essa violência.

Por fim e não menos importante, agradeço IMENSAMENTE a Suellen pelo seu relato que finaliza esta edição.

Chris, The Red

designer gráfico artista visual fotógrafo editor-chefe



1. <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-24/com-gargalo-de-testes-para-coronavirus-brasil-ve-so-a-ponta-do-iceberg-com-seus-2201-casos-e-46-mortes.html>

2. <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/aumento-da-informalidade-sustenta-queda-do-desemprego-diz-ibge/>

3. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm>

[pós]Corpos© é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski. [www.thered.com.br](http://www.thered.com.br)

ano 01 - abril/2020 - edição 02

**Edição e Redação** Chris, The Red **Capa** Chris, The Red, fotografia + design (2020) **Ensaio Fotográfico** Chris, The Red (2019) **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

#### Nota do editor

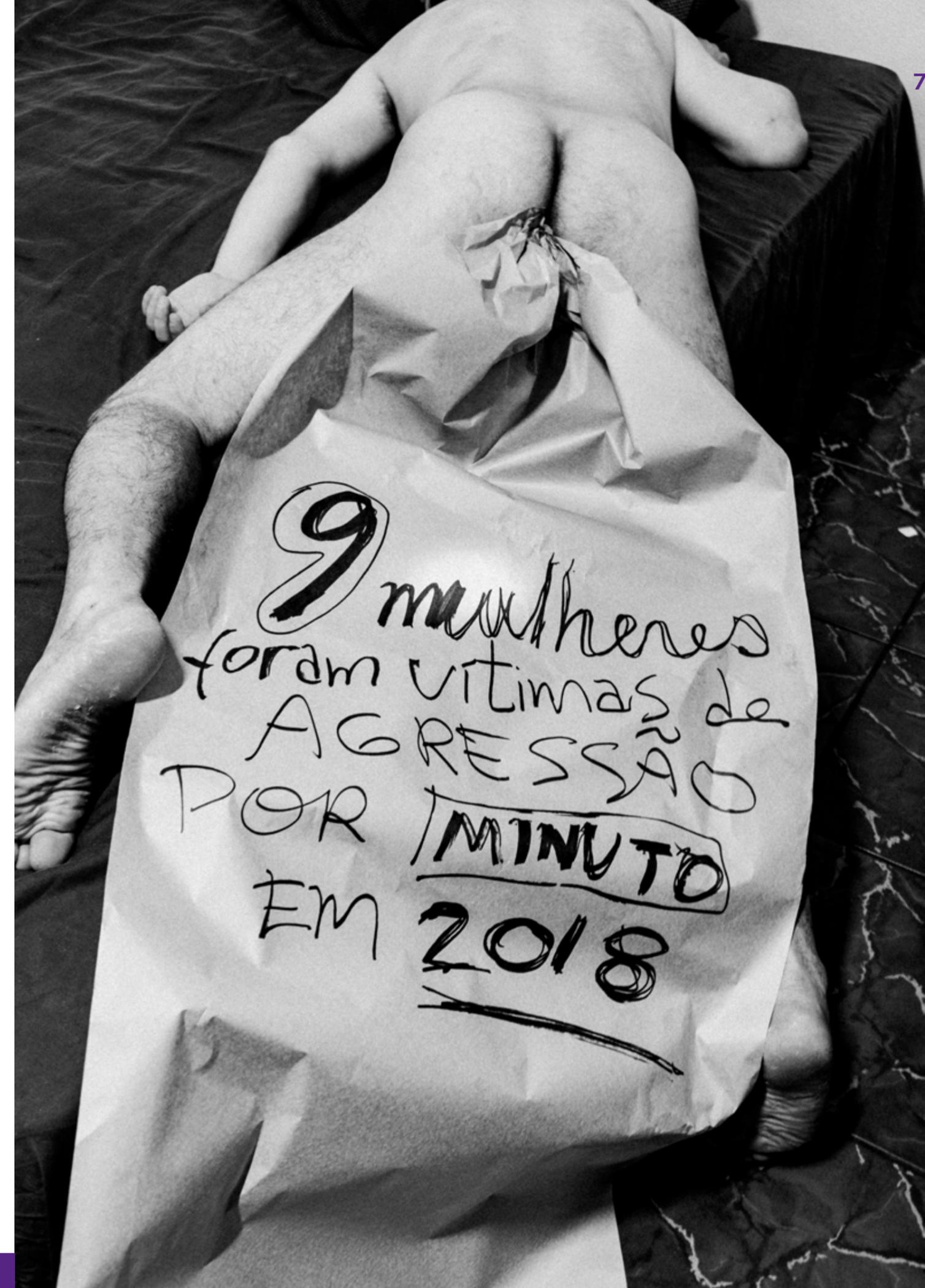
Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sint-se ofendido. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização.

Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato: [conexao@duocu.art.br](mailto:conexao@duocu.art.br)



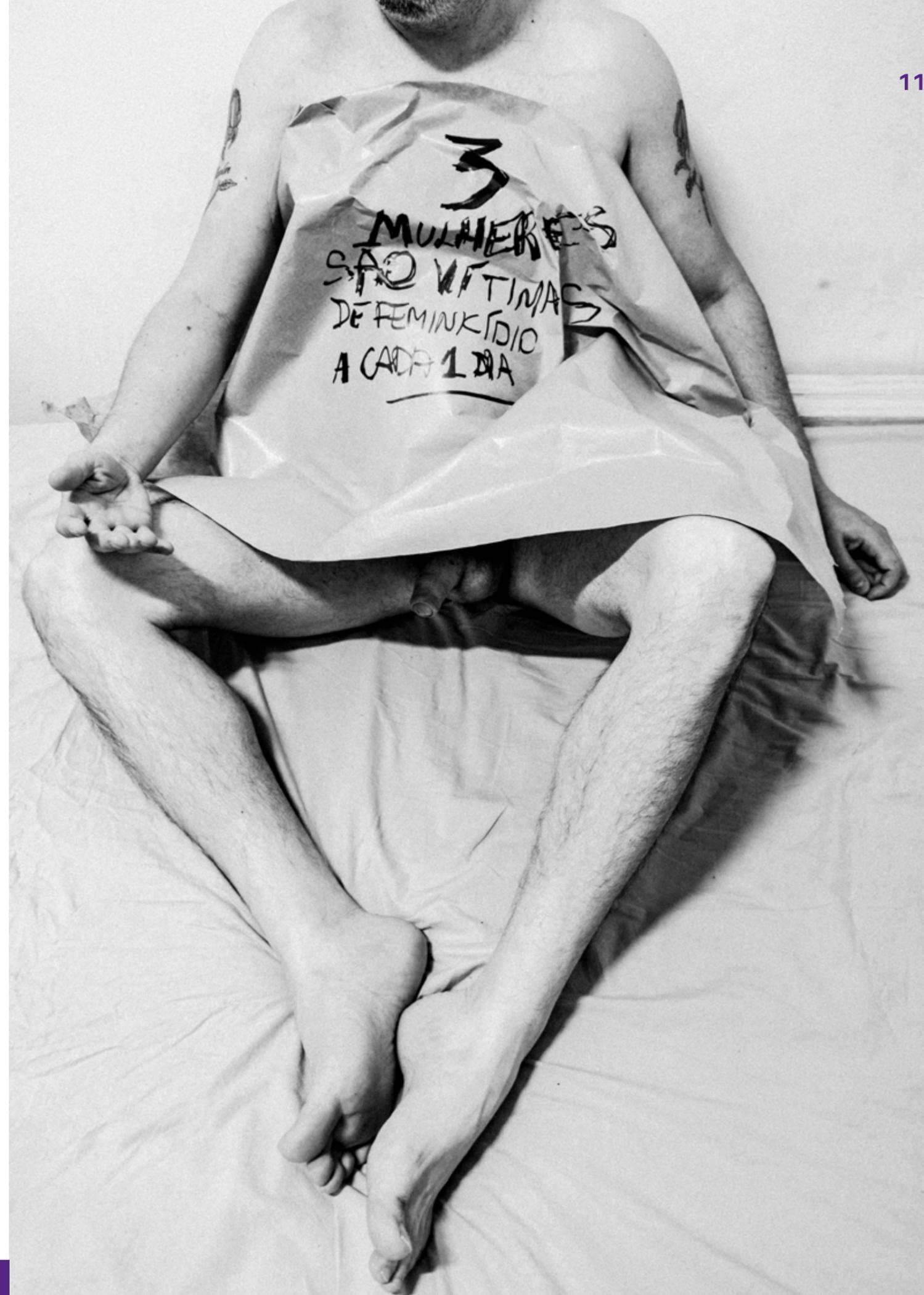
536 mulheres foram vítimas de agressão física a cada hora em 2018. 4,6 milhões de mulheres foram tocadas ou agredidas fisicamente por motivos sexuais. O número indica que a cada minuto, 9 mulheres foram vítimas desse tipo de agressão em 2018

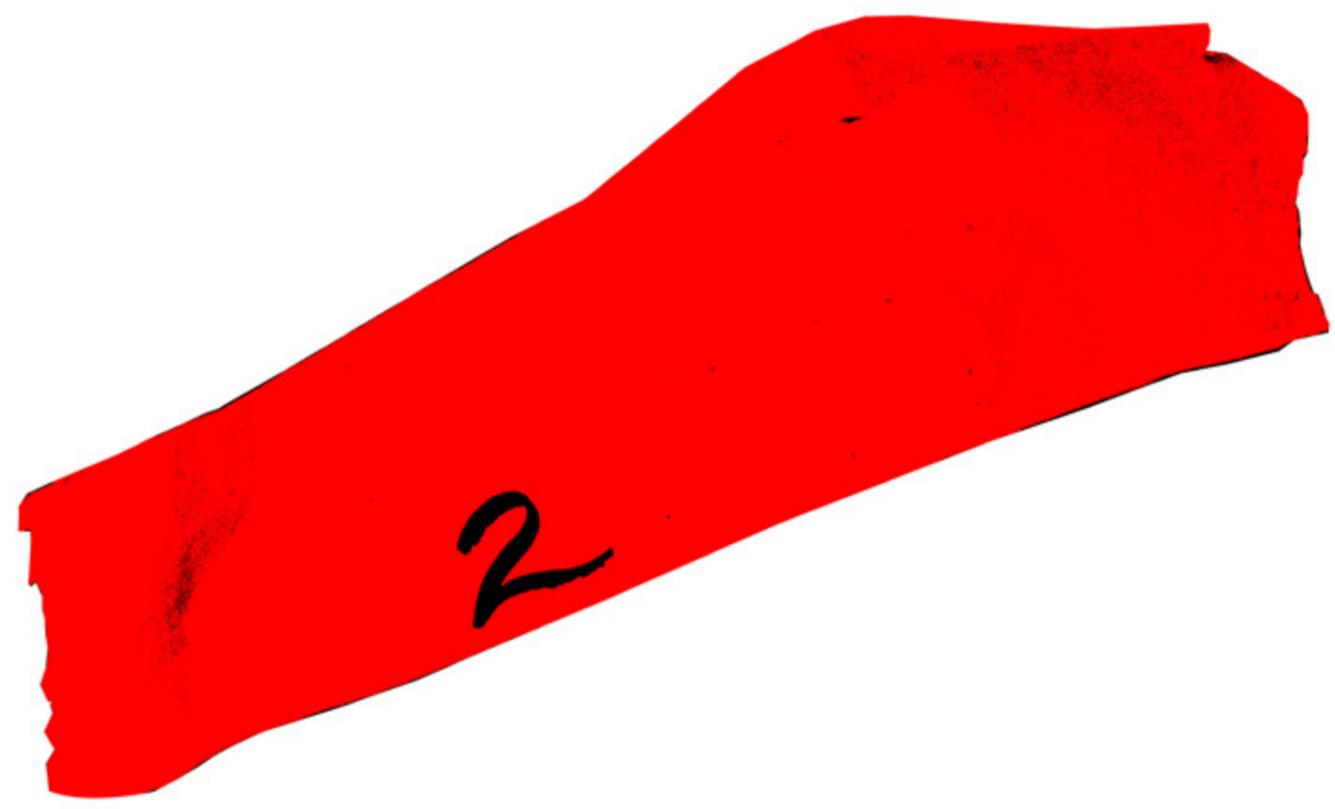
> <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/por-minuto-9-mulheres-foram-vitimas-de-agressao-em-2018/>





Segundo dados do 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, os feminicídios corresponderam a 29,6% dos homicídios dolosos de mulheres em 2018. Foram registrados 1.151 casos em 2017 e 1.206 em 2018, um crescimento de 4% nos números absolutos. > <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/brasil-registra-1206-casos-de-feminicidio-em-2018/>

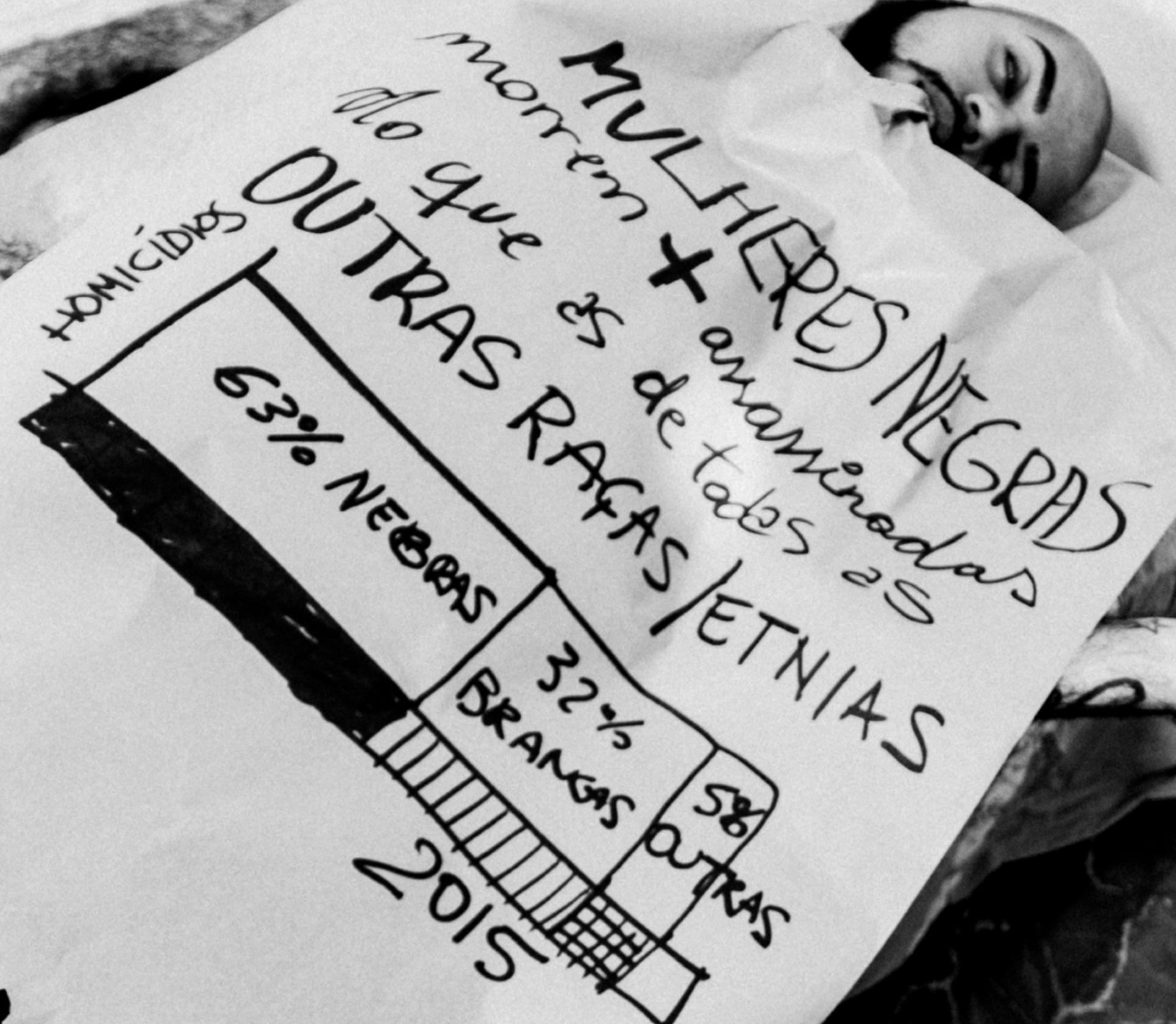




País é responsável por 52% das mortes levantadas entre 2016 e 2017 com 171 casos de 325 no mundo. Entre 20 e 39 anos é a idade de 74% das vítimas trans e gênero-diversas. > <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/observatorio-de-pessoas-trans-assassinadas-brasil-e-o-que-mais-mata/>





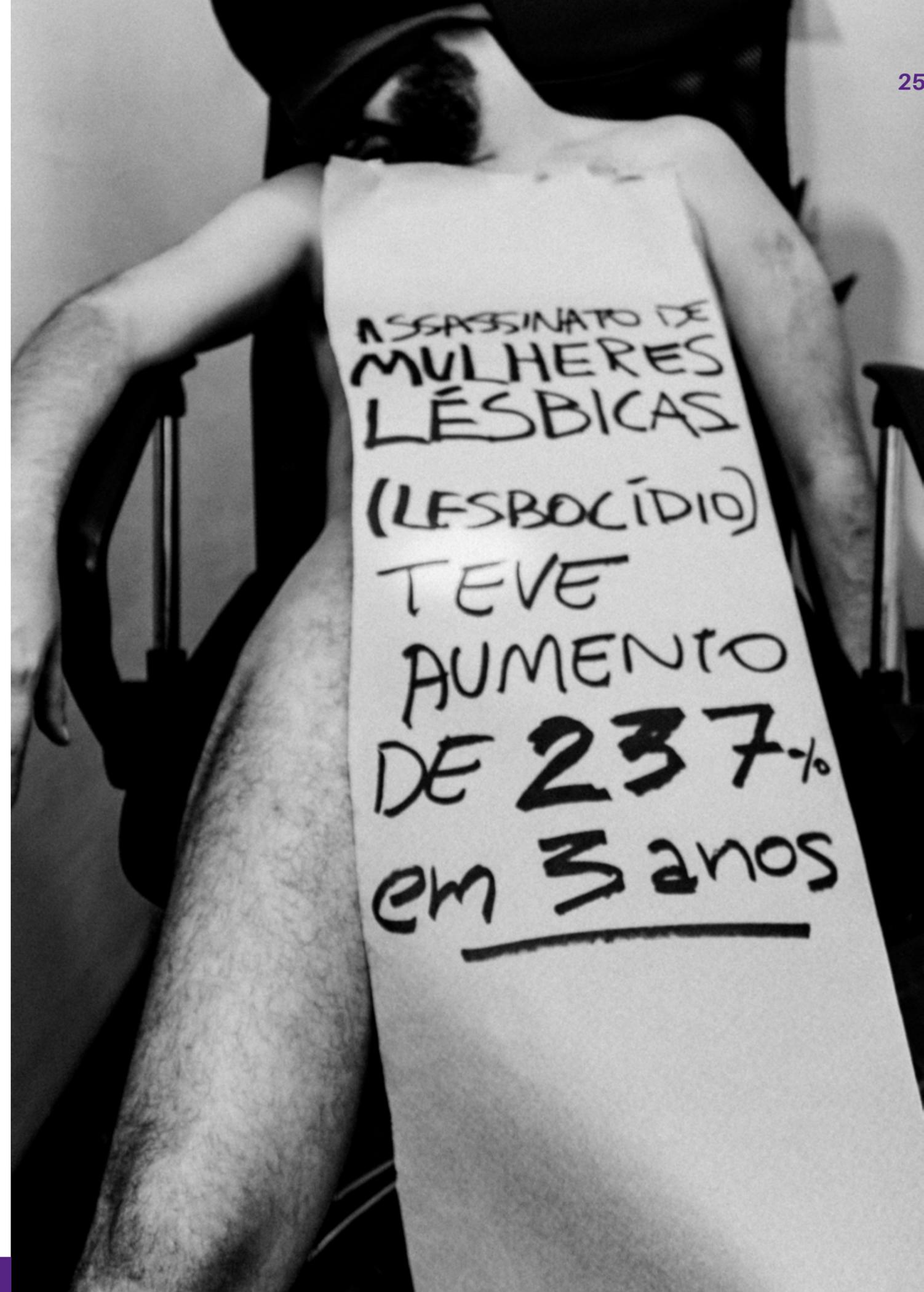


Dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde revelam que, enquanto a taxa de homicídios de mulheres brancas em 2015 foi de 3 para cada 100 mil mulheres, a de mulheres negras foi de 5,2. > <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/mulheres-negras-morrem-mais-assassinadas-do-que-as-de-outras-racas/>

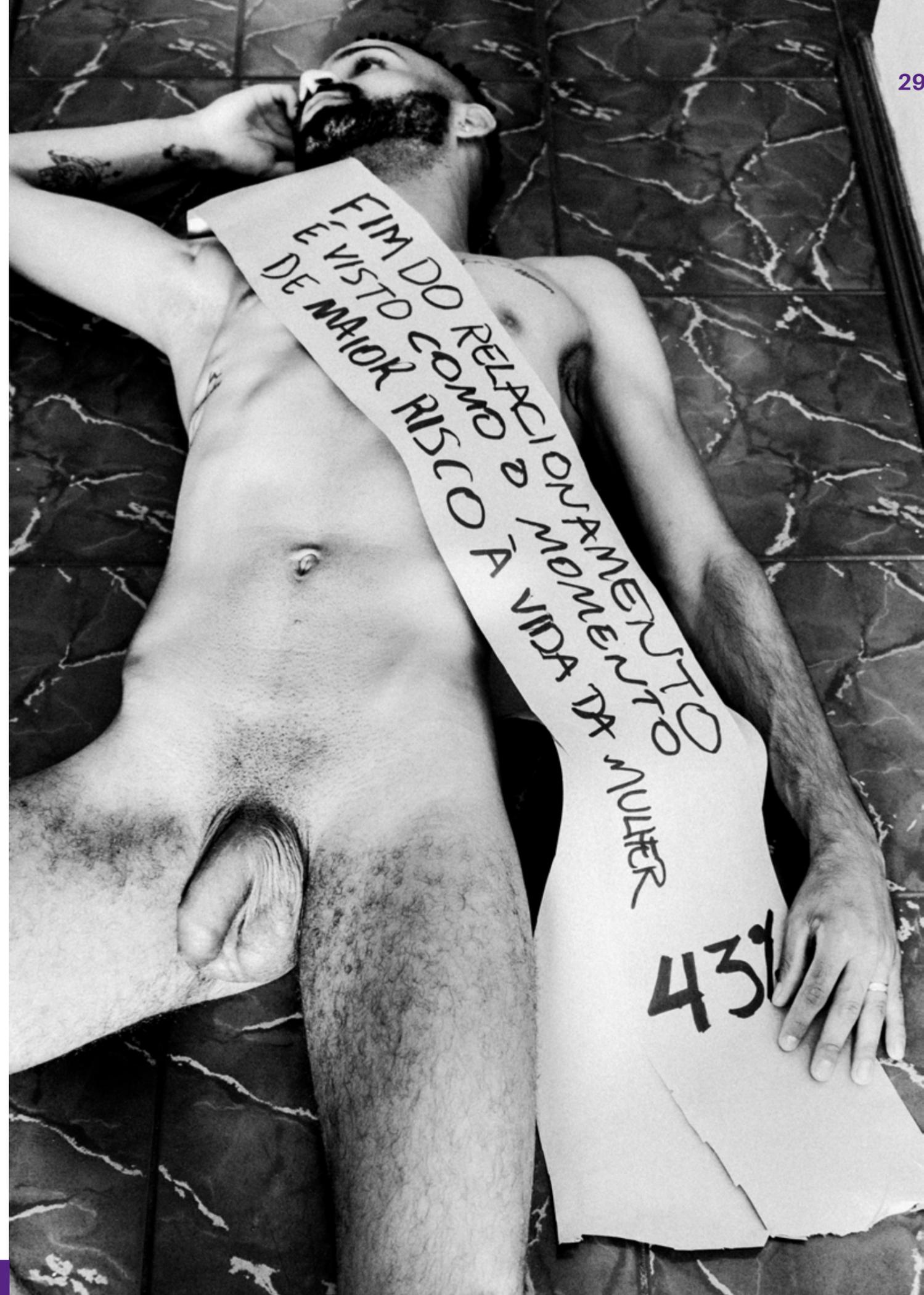
237%

O Dossiê sobre  
Lesbocídio no Brasil traz  
dados e análises sobre  
casos de assassinato  
e suicídio de mulheres  
lésbicas ocorridos  
entre 2014 e 2017.

Os dados foram coletados  
retroativamente em 2017 a  
partir do “monitoramento  
de redes sociais, sites,  
jornais eletrônicos e outros  
meios de comunicação  
que fossem expressões de  
notícias criminais nacionais,  
regionais e locais, buscando  
a identificação dos casos  
de lésbicas assassinadas  
ou suicidadas”. > [https://dossies.  
agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-  
dados/assassinato-de-mulheres-lesbicas-  
lesbocidio-teve-aumento-de-237-em-3-anos/](https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/assassinato-de-mulheres-lesbicas-lesbocidio-teve-aumento-de-237-em-3-anos/)







A pesquisa Percepção da sociedade sobre violência e assassinatos de mulheres realizada pelo Instituto Patrícia Galvão em parceria com o Data Popular, em 2013, revelou entre outras coisas, que a população brasileira entende e concorda que a mulher que vive um relacionamento abusivo corre mais risco de vida quando tenta por fim ao relacionamento.

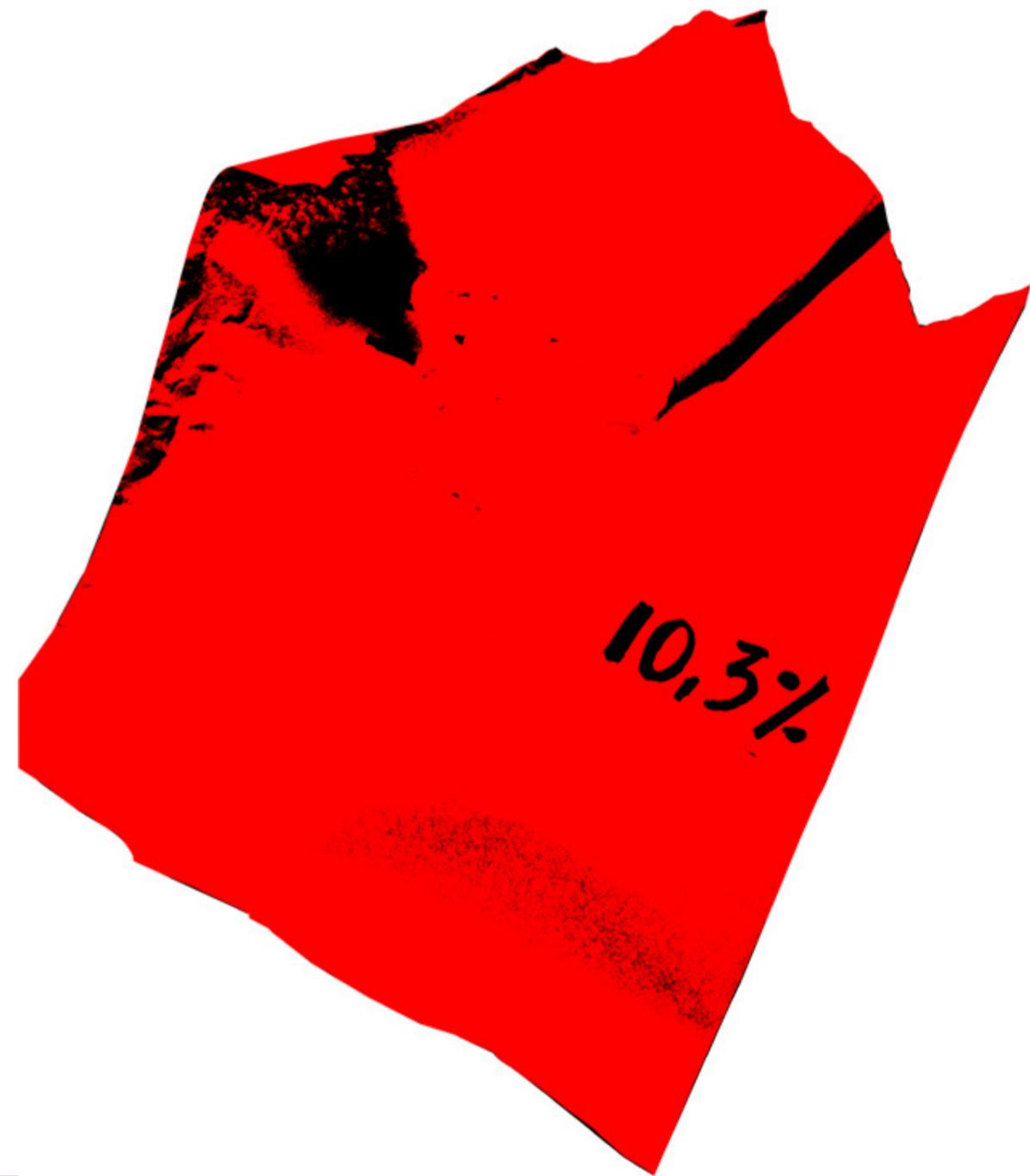
> <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/fim-do-relacionamento-e-o-momento-de-maior-risco-a-vida-da-mulher/>



**01 MULHER**  
Registra Agressão  
Sob a LEI MARIA DA PENHA  
a cada **2 MINUTOS**

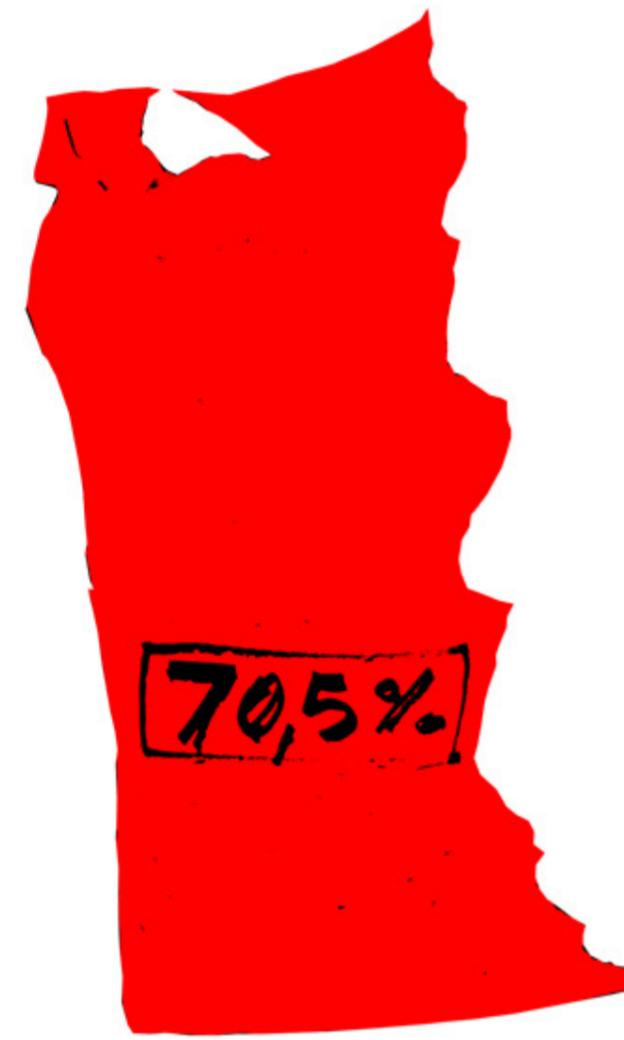
A Justiça brasileira ganhou um novo instrumento para tentar frear a violência sofrida por mulheres. A sanção da Lei Maria da Penha em 7 de agosto de 2006 mudou a forma de atuação do poder público na proteção às vítimas. A lei “pegou” e, em 2018, a cada dois minutos uma mulher no Brasil recebeu da Justiça medida protetiva para impedir que ela seja alvo da violência doméstica.

> <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/08/07/maria-da-penha-dois-minutos-medida-protetiva-mulheres-violencia-domestica.htm>



O estupro foi o único crime violento que cresceu no estado de São Paulo no período analisado pelo levantamento do Instituto Sou da Paz. O estado registrou 11.089 casos, um aumento de 10,3% em relação a 2016, quando foram registrados 10.055 casos de estupro. > <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/registros-de-estupro-aumentaram-103-no-estado-de-sao-paulo-em-2017/>





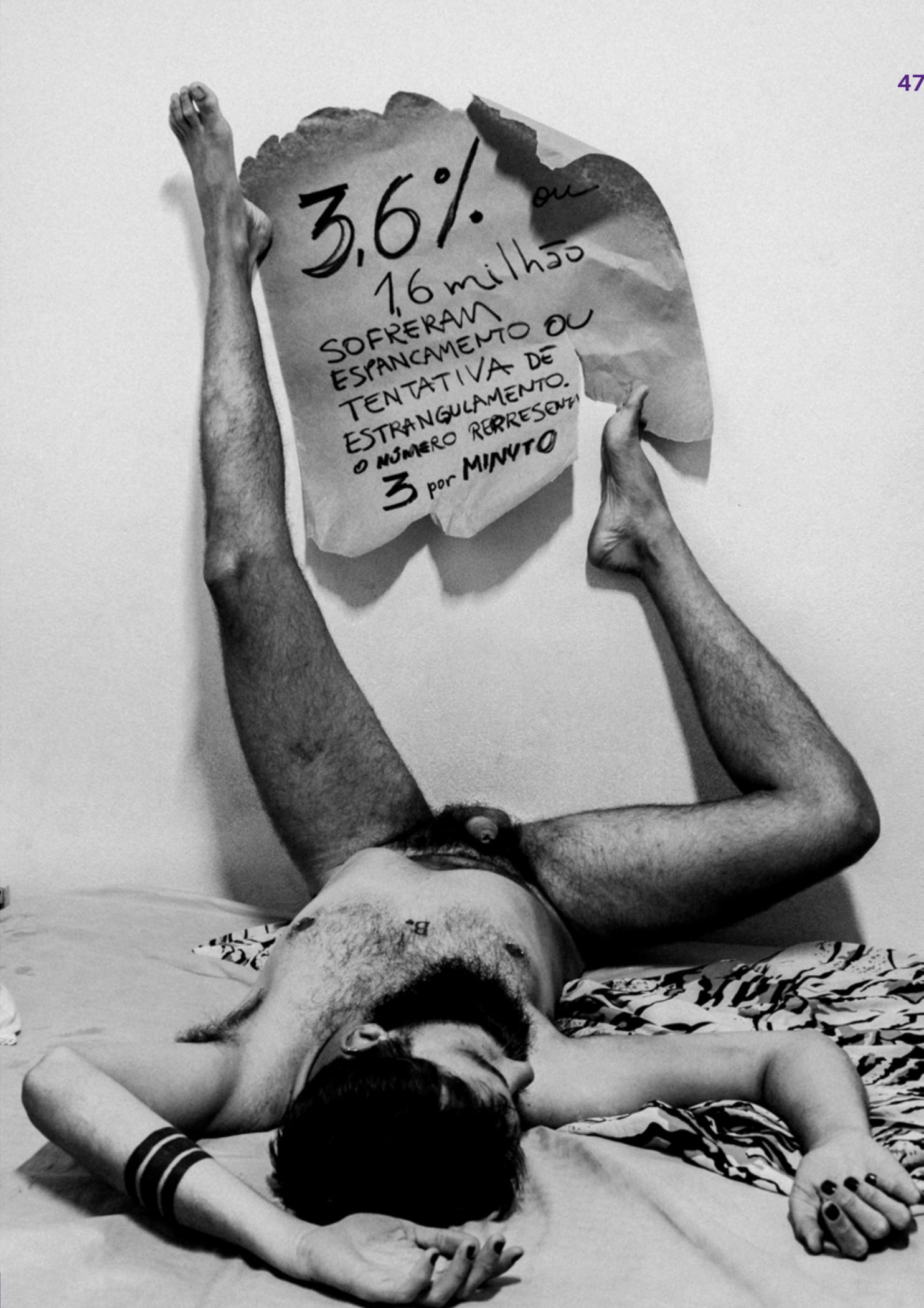
Segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) divulgada em fevereiro de 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016 o Brasil tinha 116 milhões de pessoas conectadas à internet, o equivalente a 64,7% da população com idade acima de 10 anos. Neste cenário de inclusão digital online, também se revelam desigualdades de gênero e violências contra as mulheres..

> <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/os-numeros-da-violencia-de-genero-na-internet-no-brasil/>





A pesquisa Visível e Invisível – A Vitimização de Mulheres no Brasil 2ª Edição realizada pelo Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, traz números sobre as diversas violências sofridas por mulheres em 2018 e seus contextos. > <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/por-minuto-9-mulheres-foram-vitimas-de-agressao-em-2018/>



# Fora das Estatísticas

por Suellen Gonçalves

O modo que a sociedade acredita educar as meninas na infância, na verdade, é um modo de ensinar as futuras mulheres a se submeterem ao sistema de violência machista que vivemos. A violência aqui não está limitada somente à agressão física, mas todas as formas de violências possíveis que nós, mulheres, passamos ao longo de nossa trajetória. Há várias frases que ouvi quando criança que infelizmente até hoje me causam problemas de autoestima e autoconfiança, principalmente, na área sexual. Frases que cansamos de ouvir e ler como:

*“se vestindo assim não vai poder reclamar depois”, “essa aí pediu pelo que levou, quem manda ter bebido tanto”* e assim por diante. Aqui, vou expor um caso que ainda é meio difícil de falar, mas sei que várias meninas passaram pelo mesmo que eu – e podem não ter se dado conta disso.



No Natal de 2015, fui abusada sexualmente e, até hoje, não me lembro de como isso aconteceu. A situação se deu depois de eu ter saído da ceia com a família e ido até a casa de um colega para beber e ouvir música. Na casa desse colega, acabei bebendo muito e sei que comecei a dançar para me divertir. Além do meu colega, havia o irmão e um primo dele, que acabei chamando para dançar junto. Depois disso, eu realmente não me lembro de mais nada, mas me falaram que eu estava-me “oferecendo” para os dois meninos que estavam ali. Acordei no outro dia com muita dor, sangrando e com ânsia de vômito, estava suja de porra e nem sabia o que tinha acontecido. Tomei um banho, me despedi do meu colega e fui pra casa. Não perguntei nada porque estava com dor de cabeça.

Depois de dormir um bom tempo, liguei para o meu colega e perguntei o que havia acontecido. Ele disse que não sabia, mas pelo jeito eu havia transado com o primo dele depois que ele foi dormir. Quando eu disse que não me lembrava de nada, esse colega disse que era “normal” porque eu tinha bebido muito. Fiquei sangrando uns dois dias e tinha muita dor quando ia ao banheiro, mas não dei bola pra isso na época. Um tempo depois descobri que eu não havia passado a madrugada somente com o primo do meu colega, mas com o irmão dele também. Na época, conversei com a minha irmã sobre o que havia acontecido e ela reagiu da forma que eu tinha medo que as outras pessoas o fizessem: me chamando de vagabunda, que gostava de putaria e que os “garotos” só aproveitaram.

Só fui admitir para mim mesma que fui abusada no final de 2016, quando contei para o meu atual companheiro o que havia acontecido. Confesso que esperava que ele fosse terminar comigo por eu ter transado com dois caras e que não me lembrava de nada porque estava bêbada.

No entanto, foi ele que me deu essa noção do abuso e ficou muito furioso querendo fazer alguma coisa, mas eu nunca



mais tinha visto nem o meu colega nem os parentes dele. O mais difícil nisso tudo é que eu precisei de outra pessoa pra me abrir os olhos para o que havia acontecido comigo. Até hoje, não consigo fazer algumas coisas nas minhas relações sexuais por pensar na dor que senti daquela vez, dos dias que fiquei sangrando e não conseguindo ir ao banheiro.

Depois que entrei na faculdade, conversei com algumas meninas sobre isso e, para a minha surpresa, no mínimo, seis delas já haviam passado exatamente a mesma coisa que eu, a mesma questão da bebida, do abuso, de não se lembrar e de se dar-se conta do acontecido muito tempo depois, e principalmente, por ter medo de conversar com outras pessoas, medo de ser diminuída ou ofendida.

Como disse antes: somos ensinadas, desde a infância a ficarmos caladas, principalmente, se você "deu algum motivo" para que algo acontecesse. Gostaria de dizer que denunciei esse caso e que os homens que fizeram isso foram presos. Infelizmente, não tive cabeça nem força. Nem onde e nem como eles estão. Sou um caso fora das estatísticas, um caso que não foi denunciado e que as autoridades não têm conhecimento. Não me tornei um número.

Há diversos materiais de estudos que mostra o como o Brasil é violento com as mulheres e como a violência sexual é gigantesca. Esses estudos são feitos com números, com estatísticas. Agora, imagine a quantidade de casos como o meu que não foi denunciada. Imagine o quanto esses números que temos ainda são pequenos comparados a realidade.

## [Suellen Gonçalves]

Estudante do Bacharelado em História da Arte, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Fotos: Chris, The Red  
[pós]Corpos: Stenio, Marcos, Nicolau, Fábio, Vinicius, E., Luis, Alan, Bruno e Suellen.  
São Paulo, SP, Brasil, 2019

